



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO  
SUL

ALAM RENATO PINHO

**ESTUDOS CULTURAIS E ANÁLISE DA TRADUÇÃO NA OBRA  
*BELOVED*, DE TONI MORRISON.**

DOURADOS

2015

ALAM RENATO PINHO

**ESTUDOS CULTURAIS E ANÁLISE DA TRADUÇÃO NA OBRA  
*BELOVED*, DE TONI MORRISON.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Português e Inglês.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Lucilia T. Vilella de Leitgeb Lourenço

DOURADOS

2015

**ALAM RENATO PINHO**

**ESTUDOS CULTURAIS E ANÁLISE DA TRADUÇÃO NA OBRA  
BELOVED, DE TONI MORRISON**

Aprovado pela Banca Examinadora como parte das exigências da disciplina de TCC, para obtenção do grau de licenciatura, pelo curso de Letras da UEMS/DOURADOS.

**Aprovado em 04/12/2015**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr Adilson Crepalde**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Lucilia T. Vilella de Leitgeb Lourenço**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Rosana Budny**

---

**Prof. MSc Karoline Couto**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe, por ter me conduzido a esse caminho sem volta, caminho ao qual me fortaleço cada dia mais e me sinto honrado por combater obstáculos, não deixando de citar também todo o meu esforço e garra que descobri possuir todos esses anos, a forma de agradecimento é apenas uma honra em ter nas presentes linhas desse trabalho como mérito conquistado por esforço próprio e também pelas condições que os meus pais se esforçaram para me oferecer, não podendo deixar de lado, agradeço também ao composto Delta nove tetraidrocanabinol.

*“Não é a vontade de vencer que importa - todo mundo tem isso! O que importa é a vontade de se preparar para vencer”.*  
Bryant

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAP. I: ESTUDOS CULTURAIS: UMA GRANDE FORMA DE SE VER O MUNDO</b> .....	11
1.1 Origens dos Estudos Culturais .....	13
1.2 <i>The Long Revolution</i> .....	12
1.3 <i>Centre Contemporary Cultural Studies (CCCS)</i> .....	14
1.4 Rupturas: O Feminismo .....	15
1.4.1 O Racismo .....	15
<b>CAP. II: ANÁLISE DO TEXTO COM OLHAR PARA USO DE DIALETO NA TRADUÇÃO DA OBRA AMADA</b> .....	17
2.1 <i>African American Vernacular English</i> : Uma visão histórica.....	19
2.2 Principais Características do <i>African American Vernacular English</i> .....	22
<b>CAP. III: ESTUDOS DA TRADUÇÃO: QUESTÕES TEÓRICAS E LINGUÍSTICAS</b> ....	25
3.1 Variantes Dialetais .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	31

## RESUMO

Esta proposta de estudos intitulada “Estudos Culturais e Análise da Tradução na obra *Beloved*, de *Toni Morrison*,” obra cuja tradução em língua portuguesa é *Amada*, respectivamente, tem como objetivo no trabalho desenvolvido aliar os Estudos Culturais e os Estudos da Tradução, a fim de analisar o aspecto da cultura racial e linguística e comparar sua originalidade com a tradução brasileira da obra. A análise tradutória deverá ser levantada com o olhar focado para as manifestações culturais expressas por via da língua. Neste estudo comparado, estabeleceremos relações dialéticas encenadas na obra da escritora afrodescendente, desafiadora dos pressupostos brancos, patriarcais, marcadores do contexto cultural estadunidense. A escritora Morrison tornou eternizada em suas obras a chaga da escravidão. Pretendemos investigar as consonâncias e dissonâncias das opções tradutórias entre os textos de chegada com relação ao diálogo cultural e linguístico além da inserção dessa literatura de margem no cânone literário.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Estudos da Tradução; Literatura; Diálogo Cultural.

## **ABSTRACT**

This paper entitled "Literary Studies and Analysis of *Beloved* by Toni Morrison," translated into Portuguese as "Amada", respectively, aims at combining the Cultural Studies, Literary Studies and Translation Studies, in order to analyze the cultural aspects and compare them with the Brazilian translation. The translational analysis should be raised with his gaze focused on cultural manifestations expressed through language. In this comparative study, we will establish dialectical relations staged in the work of African descent writer, challenging assumptions of white, patriarchal, the American cultural context markers. The writer Morrison turned immortalized in her work the open wound of slavery. We intend to investigate the consonance and dissonance of translational choices among target texts with respect to cultural and linguistic dialogue beyond the insertion of this margin literature into the literary canon.

Keywords: Cultural Studies; Translation Studies; Literature; Cultural dialogue.

## INTRODUÇÃO

Devido ao tema ser pauta de inúmeras discussões nas universidades brasileiras, sendo, inclusive, assunto de pesquisa, englobado nos Estudos Culturais, do mestrado de uma instituição da cidade de Dourados; desenvolvi esse trabalho com vistas a investigar o contexto cultural-social na obra *Amada*, de Toni Morrison, bem como o dialeto utilizado para a composição da obra, a variante *African American Vernacular English* (AAVE), como forma de ruptura, resistência, à norma padrão elaborada pelos brancos, ou *Black English*, como é popularmente conhecido.

A pesquisa tem como objetivo englobar os Estudos Culturais, as Teorias da Tradução e a análise dos textos em português e inglês da obra “Amada” (*Beloved*, no original), de Morrison. A análise comparativa servirá para perceber o discurso embutido no texto original, bem como as marcas sociais da época, e é aí que os Estudos Culturais entram em cena, como base para discussões pertinentes sobre a obra e a autora. Já no que se refere à tradução, em português, os estudos da tradução servirão como auxílio para identificarmos se os elementos culturais (principalmente a norma padrão utilizada no original, AAVE) foram mantidos ou rasurados. Sabe-se que mais de 85 % dos descendentes de africanos nos Estados Unidos usam tal variante como ferramenta linguística para a comunicação intra-étnica. A opção pela importância da manutenção ou a simples rasura da tradução do registro cultural expresso pela língua depende dos tradutores ou editoras, ocasião em que o texto de chegada será estrangeirizado ou domesticado.

A obra a ser utilizada na pesquisa rendeu à autora afro-americana, Toni Morrison, o prêmio o *Pulitzer*, em 1988 e o Nobel de Literatura de 1993, sendo a primeira mulher negra a ser agraciada com tal prêmio, o que demonstra seu merecimento como figurante dessa pesquisa, e veículo para reflexões sobre a cultura africana, discriminada não apenas em nosso país, também nos Estados Unidos da América, conhecida como “a terra das oportunidades”, mas que maltratou tanto uma parcela de sua população, que também serviu de mão-de-obra para a construção do país.

O fato da obra da escritora afro-americana ter utilizado o dialeto *Black English*, ou *Ebonics*, como forma de resistência, e por ser vencedora do Prêmio Nobel Toni Morrison, com a obra *Beloved* me pareceu motivo relevante para estudos da tradução da obra num estudo em nível de trabalho de conclusão de curso.

A pesquisa aqui trabalhada deverá tomar os Estudos Culturais como plataforma teórica no primeiro momento, fazendo um recorte com relação à ruptura havida com a irrupção do racismo e o feminismo, baseados nas obras *Cultural Studies and its theoretical legacies*, (HALL, 1980), Da diáspora: identidades e mediações culturais (2003), *Old and New Identities* (1991); O local da Cultura (BHABHA, 2003); Cartografia dos Estudos Culturais Escosteguy, (1985) dentre outras.

Num segundo momento a pesquisa deverá utilizar ainda os aportes teóricos da teoria da tradução, partindo da desconstrução derridiana, expressa em *Torres de Babel* (DERRIDA, 2002), pela teoria desenvolvida por Susan Bassnett (1988), pela teoria criada por Even-Zohar, a Polysystem Theory. (1979). O aspecto da cultura será minuciosamente analisado na obra acima citada. *Beloved*, traduzidas como *Amada* (2005) da autora *Toni Morrison*.

O texto *Beloved* de Toni Morrison será analisado dentro da perspectiva da Literatura Comparada, dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais, frutos da mesma sementeira, verificando no texto como o tradutor/tradutores preocuparam-se ou não com a questão cultural expressa no texto de partida e respectivo resultado no texto de chegada, pontos em comum ou dissonante. Pretendo verificar se escritura de Toni Morrison traz como marca de resistência o uso da variante linguística denominada *African American Vernacular English*, ou *Ebonics*, estudada pelo sociolinguista William Labov nas décadas de 1970 e 1980. Tenho a intenção de detectar a preocupação do tradutor em proteger ou não o texto de partida. A forma pela qual o dialeto foi traduzido, ou omitido, em caso de opções díspares. Outra intenção é explicitar a razão da inclusão das obras citadas na plataforma dos Estudos Culturais, passando pela reflexão sobre a literatura de margem versus cânone, com discussões sobre a transformação de obra de margem em obra canônica.

## 1. ESTUDOS CULTURAIS: UMA GRANDE FORMA DE SE VER O MUNDO

Os Estudos Culturais foram construídos intrinsecamente para a exploração de um novo mundo, pois têm como evidências estudos que provocam as problematizações da cultura num contexto diverso e interdisciplinar nas atuais sociedades. Seguindo essa perspectiva, os Estudos Culturais abrangem um campo ilimitado de caráter multidisciplinar explorado de produção e críticas sobre determinados aspectos, sendo claramente uma abordagem ampla sobre combinações fenomenais de estudos sociais, tendo a língua inglesa como principal meio e seus respectivos problemas de movimentos sociais, Segundo Bhabha (1994, p.20) “A força dessas questões é corroborada pela “língua” de recentes crises sociais detonadas por histórias de diferença cultural”. Assim, vale ressaltar que os estudos além de praticar meios contundentes pela força que a língua exerce no meio social, também faz presente nos momentos de transformação histórica, como afirma o autor de que:

o “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão na “minoría”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinha as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1994, p.21)

Tal concepção, nos leva a uma grande causa que, questionada de uma maneira mais minuciosa, servirá para a reflexão sobre a necessidade de compreender culturalmente a diferença de identidades minoritárias. Bhabha, (1994, p.21) afirma que: “As diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada, elas são os signos da emergência da comunidade concebida como projeto, ao mesmo tempo uma visão e uma construção”. Sendo assim, pode-se notar a grande intimidação que os estudos e seu multiculturalismo exercem dentro do meio social, e por pouco praticado, as classes minoritárias como um utensílio para condução e ferramentas principais para a determinação do meio estudado em razão a cultura.

## 1.1 Origem dos Estudos Culturais

Os estudos culturais são fruto de investigações de intelectuais britânicos que propuseram mudanças no estudo e no ensino das artes e da literatura, questionando a história do ensino dessas disciplinas na sociedade britânica, a partir da implementação da Educação para Adultos na Inglaterra, durante o pós Segunda Guerra Mundial (WILLIAMS, 1983)

De acordo com Stuart Hall, constituem marco relevante para a gênese dos Estudos Culturais, estudos de cunho bibliográfico, como: *The uses of Literacy* (1958), de Richard Hoggart; *Culture and Society – 1780-1950* (1958), de Raymond Williams; e *The Making of the English Working Class* (1957), de Edward P. Thompson, peças fundamentais nas reflexões sobre a cultura, a consciência e a experiência na mudança social. Foram obras levadas a cabo pela ação de grupos e de classes, numa demonstração crítica de embate com a tradição de modos de estudos dos fatos e dos acontecimentos sociais (HALL, 1986). O primeiro livro supracitado é, em parte, autobiográfico e refere-se à história cultural da metade do século XX. O segundo, de Raymond Williams, constrói um conceito histórico de cultura, apresentando a ideia de que a cultura comum pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência como qualquer outro, enquanto o terceiro volume (re) constrói uma parte da história da sociedade inglesa.

O livro de Hoggart, *The Uses of Literacy* (1958) e o de Williams, *Culture and Society* (1958), formaram a base para a organização do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), e as próprias diretrizes dos Estudos Culturais foram estribadas nos livros de Williams e de Thompson, *The long revolution* e *The making of English working class*, respectivamente.

## 1.2 The long revolution

De acordo com o pensamento de Stuart Hall a obra *The long revolution* (1961) constituiu um desdobramento da revolução democrática e industrial em que reconhece a importância do crescimento da imprensa popular da norma padrão do inglês, o crescimento do público leitor na cultura dos falantes do inglês e na cultura ocidental como um todo. Williams (1958) discutiu como a cultura pode ser definida e analisada, fator imprescindível para o desenvolvimento dos estudos culturais como uma disciplina independente. Como o conceito de cultura é complexo, uma área de tensão em permanente estado de indeterminação não se pode querer que a cultura

esteja relacionada à soma dos discursos por meio dos quais as sociedades produzem sentido de si para si e para os outros, além de oferecer espaço para reflexões sobre suas experiências comuns, compartilhando seus conceitos e ideias. A arte, que já foi questão de privilégio, ganhou, dentro dos Estudos Culturais, uma redefinição, com a função de atribuir e tomar significados. Como a cultura, a arte tornou-se comum, isto é, parte integrante da vida de todos os sujeitos, e não somente de meia dúzia de privilegiados. A arte compõe a vida como o comércio, a política, a criação de filhos. Esse alargamento do conceito de arte está ligado às práticas sociais e é produto do somatório das inter-relações em um ambiente de vida compartilhado (HALL, 2003, p. 136-137)

Stuart Hall também avalia a mudança ocorrida na obra de Raymond Williams, força motriz da mudança em toda base da discussão dos Estudos Culturais, pois, de uma definição moral, passou para uma definição antropológica de cultura, como processo inteiro, completo, em que significados e definições são formados e transformados historicamente, a arte e a literatura são consideradas como um único tipo de comunicação social. O novo foco sobre a cultura e, por conseguinte, sobre a arte e a literatura, impulsionou o desenvolvimento dos Estudos Culturais (HALL, 1990)

De acordo com Maria Cevasco (2009), repensar o conceito de cultura como realização da sociedade dá rumos políticos e teóricos distintos para a nova disciplina. Se a cultura não é o reduto de uma minoria, mas um bem e uma realização sociais é preciso estender os meios de produção e de compreensão culturais a todos. Se as formas da cultura se engendram na sociedade não se pode entender nenhuma produção cultural, seja ela a criação de um sindicato ou de uma grande obra de arte, isolada de seu chão social. Rememorando a constituição dos estudos culturais em um texto de 1989, Williams enfatiza a posição teórica que corresponde à avaliação do papel da cultura na sociedade:

Quero começar com um problema teórico fundamental, que é, a meu ver, central para os estudos de cultura ainda que nem sempre seja lembrado nesta disciplina. E esse problema, para usar os termos contemporâneos ao invés dos termos mais informais com que ele foi originalmente definido, é que não se pode entender um projeto artístico ou intelectual sem entender também a sua formação da qual um determinado projeto é um exemplo ilustrativo, nem como um projeto que poderia ser relacionado a uma formação entendida como seu contexto ou pano de fundo. O projeto e a formação nesse sentido são maneiras diferentes de materialização – maneiras diferentes, então de descrição – do que é de fato uma disposição comum de energia e de direção. Esta foi, penso, a invenção teórica crucial: a

recusa de se dar prioridade ou para o projeto ou para a formação, ou, usando termos mais antigos, a arte ou a sociedade. (WILLIAMS 1989, p.151)

Cevasco (2009) lembra ainda que, essa posição teórica dá conta do aspecto cognitivo da produção cultural: fazer crítica cultural é também apreender o funcionamento real de uma determinada sociedade. Claro que para uma crítica assumidamente militante, conhecer esse funcionamento é parte fundamental do projeto de modificar a sociedade, tornando-a mais justa e democrática.

### **1.3 Centre Contemporary Cultural Studies (CCCS)**

O primeiro programa de pós-graduação em Estudos Culturais da Inglaterra Centre Contemporary Cultural Studies, no ano de 1964, teve início durante uma aula inaugural proferida por Richard Hoggart, da Universidade de Birmingham, intitulada Schools of English and Contemporary Society, que lhe rendeu um grande ataque por parte de especialistas de diversas disciplinas, especialmente da Sociologia, além de cartas de cientistas sociais que lhe prometeram represálias, “por cruzar de forma ilegítima a fronteira territorial” (SCHULMAN, 2004, p. 176). Hoggart atacou a forma como a literatura inglesa era ensinada e ofereceu esboços para uma nova proposta de se pensar a literatura, chamando-a de “Literatura e Estudos Culturais Contemporâneos”, tendo a interdisciplinaridade como característica diferenciada e apresentando uma divisão tripartida que incluía uma parte histórica e filosófica, outra sociológica, além da crítica literária (SCHULMAN, 2004, p.170).

Richard Hoggart, bem como Raymond Williams, era crítico literário e professor de língua e literatura inglesa, e assumiu papel primordial na criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), tendo ocupado o cargo de seu primeiro diretor. Tanto Williams quanto Hoggart possuíam grandes conhecimentos sobre o universo de transição entre a classe operária e o espaço universitário, pois, como oriundos de famílias operárias, foram capazes de galgar os degraus acadêmicos, o primeiro na Universidade de Cambridge e o segundo na Universidade de Leeds. Então, o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) surgiu ligado ao departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, tornado um centro de pesquisa de pós-graduação. A educação no CCCS tinha características libertárias e democráticas por princípio, uma vez que as disciplinas ensinadas não eram as mesmas ministradas no rol tradicional das instituições de ensino superior.

O Centre for Contemporary Cultural Studies também incorporou as ideias de Ferdinand de Saussure, Louis Althusser, Jacques Lacan, Roland Barthes e Michel Foucault, intercambiando a análise política e institucional e o foco histórico, pelo interesse no micro nível do texto e do discurso. A forma/a estrutura continha o ingrediente fundamental para a análise dos sistemas de signos, tratados como textos que posicionavam seus leitores (JOHNSON, 1980, p.8).

#### **1.4 Rupturas: O feminismo**

Stuart Hall nos fala sobre as inúmeras rupturas ocorridas nos Estudos Culturais, especialmente em dois momentos teóricos, com a inclusão do feminismo e do racismo como objetos de estudos. Em termos teóricos, essas rupturas revolucionaram e renovaram a estrutura monolítica dos primórdios dos Estudos Culturais, provendo sua abertura. Apesar de os Estudos Culturais estudarem as minorias, as mulheres e as práticas culturais femininas eram exiladas como foco e objetos de estudos, seus pressupostos patriarcais e as histórias centradas no gênero masculino inconscientemente reproduziam agressivamente uma repercussão não favorável às mulheres, tornando-as uma atividade feminina “subcultural” a masculina.

Em 1974 surgiu o Grupo de Estudos da Mulher dentro dos Estudos Culturais com a finalidade de examinar gêneros culturais considerados femininos, tais como a moda e as telenovelas. Esse Grupo pretendia estudar como o público feminino respondia ao conteúdo dos meios de comunicação em massa e verificar se suas necessidades pessoais e sociais eram atendidas. Essa prática propiciou o resgate da obra literária de escritoras inglesas, além de discutir teoricamente o papel do trabalho doméstico na vida da sociedade inglesa. (TURNER, 1990).

Quanto aos aspectos de inclusão e também de expansão do feminismo nos Estudos Culturais, Stuart Hall fala sobre a “irrupção” do feminismo na vida intelectual dos Estudos: “Não se sabe, de uma maneira geral, onde e como o feminismo arrombou a casa. (...) Como um ladrão no meio da noite, ele entrou, perturbou, fez ruído inconveniente, tomou a vez e estourou na mesa dos estudos culturais” (1996, p. 269).

No livro *Women Take Issue* (1978), que promoveu os Estudos Femininos, Hobson e Angela McRobbie trabalhavam como donas de casa, relataram, então, o isolamento em seus lares. Além disso, através de pesquisas com adolescentes detectou-se que suas expectativas eram pessimistas em meio a uma sociedade patriarcal (ESCOSTEGUY, 2000).

Os caminhos que permitiram consolidar o pensamento teórico feminista são de total importância para percebermos o efeito de crises e desprestígio da autenticação de vozes que tornavam projetos sociais, religiosos e também políticos da atualidade, pois assim os consolidavam pensamentos feministas dentro de um quadro epistemológico.

Foi nas duas últimas décadas do século XX, apesar de o feminismo ter sido identificado desde o século XIX, que o pensamento feminista surgiu como novidade no campo acadêmico e se impôs como uma inclinação inovadora e de forte potencial crítico e político. Os estudos feministas condizem com os estudos étnicos ou anti-imperialistas, que tomam como ponto de partida em suas análises o direito de voz aos grupos marginalizados. Esses grupos passam a ser representados nos domínios políticos e intelectuais levando-se em consideração que são constantemente excluídos, usurpados de suas funções de significação e de representação.

Jacques Derrida (2002) foi quem dispôs de uma preocupação com a questão da mulher enquanto participante na filosofia ocidental. Seus vários trabalhos consolidaram como linha de uma metafísica excludente, o fonocentrismo, como o reinado do sujeito ou a prioridade da voz da consciência; o logocentrismo, a prioridade da palavra como lei; e o falocentrismo, como a prioridade do falar como definidor da identidade.

O compromisso feminista é destaque que se difere de outras questões presentes nos Estudos Culturais, pois com a articulação crítica da hegemonia do idêntico e da legitimidade dos sentidos absolutos e universais com os processos históricos de construção e de representação da categoria “mulher”. Considera-se o feminismo, no pós-modernismo, uma das alternativas palpáveis para a renovação da prática política e para as estratégias de defesa da cidadania.

#### **1.4.1 O Racismo**

A questão racial dentro dos Estudos Culturais atravessou inúmeras dificuldades até ser um campo legítimo de estudo, combatendo lutas teóricas acirradas. Sua primeira forma de manifesto teve como alvo a obra *Policing the Crisis* (1978), tornando-se responsável pela grande virada presente nos estudos de Stuart Hall. Schulman (2004) alega que Hall e seus colaboradores, nessa obra, mostraram como a mídia britânica associava o crime e outros problemas sociais à presença das minorias raciais, além de apontar o fato de que a identidade nacional era bloqueada, ou mais especificamente, manchada, racialmente.

Por diversas vezes as pesquisas do Centro de Estudos Culturais sobre gênero e racismo, culpavam a estrutura capitalista, instituída na Inglaterra, como responsável por essa situação, pois a imigração proveniente das ex-colônias britânicas era associada às minorias raciais e às mazelas a elas relacionadas (HALL, 1978). O racismo era intrínseco à estrutura do capitalismo inglês, pois os imigrantes eram minoria. Em 1985, Hall escreveu sua própria experiência, como imigrante do Caribe (Jamaica), dentro de uma sociedade inglesa xenófoba.

## 2. O USO DE DIALETO NA TRADUÇÃO DA OBRA AMADA.

O dialeto está de uma forma dialogicamente, enfeitando o texto. *Beloved* aparece no contexto da escravatura e inspirado na vida real. Uma medida judicial nominada como “Fugitive Slave Act” de 1850, estabelecida como a caça de escravos autorizada e que era recompensado por captores que tinham a proteção de uma medida judicial para esse fim. Morrison através da história real de Margaret Garner a torna ficcional, que em 1956 sendo uma escrava foge para o estado de Ohio, em plena pré-guerra civil e conseqüentemente, amedrontada com o futuro de sua filha, acaba assassinando-a com a intenção de impedir sua futura escravidão. Margaret foi julgada e condenada por ter tomado essa atitude. Sethe, em *Beloved* (Amada) mata uma filha para evitar o flagelo da escravidão. Empregando uma técnica de realismo mágico, Morrison retrata uma misteriosa figura que com o tempo volta a viver com a mãe que dilacerou sua garganta. A conquista de um resistencialismo de Morrison pressupõe que a continuidade da história de Garner colocando em sua obra uma cidade, uma família que ao mesmo tempo em que compartilha ao mundo as dores que a raça negra tende a sofrer na pele, tem a intenção de apenas ter que repelir o esquecimento. Homi Bhabha tem despertado um interesse significativo na ficção morrisoniana conforme nota-se em trechos publicados em capítulos de livros e artigos, como se verá a seguir. O primeiro capítulo de *O Local da Cultura*, intitulado “Locais da Cultura” constrói um espaço significativo em que o autor vê a importância de *Beloved* (Amada), como na fala a seguir:

O momento do estranho relaciona as ambivalências traumáticas de uma história pessoal, psíquica, às disjunções mais amplas da existência política. *Beloved*, a criança assassinada por Sethe, sua própria mãe, é uma repetição endemoniada, extemporânea, da violenta história das mortes das crianças negras durante a escravidão em algumas partes do Sul, menos de uma década depois que o número 124 da Bluestone Road tornou-se mal-assombrado (BHABHA, 1987 p. 32).

Relacionada ao mesmo tema e enredo da obra de Homi Bhabha, ele acrescenta e refere-se à escravidão e aos descendentes de seres escravizados, nesses termos:

Morrison revive o passado da escravidão e seus rituais assassinos, possessão e autopossessão a fim de projetar a fábula contemporânea da história de uma mulher que é ao mesmo tempo a narrativa de uma memória afetiva, histórica, de uma esfera pública emergente, tanto de homens quanto de mulheres. (BHABHA, 1987 p.25).

Homi Bhabha dedica um capítulo completo a Toni Morrison, intitulado “Agora e Aura” na obra *Bazar Global e os Cavalheiros Ingleses* (2011). A forma como é feita a rememoração de uma história sobre a escravidão no final de *Beloved*, é comentada por Homi Bhabha na obra citada, como se nota no trecho de Toni Morrison em *Beloved*: “Não se trata de uma história para passar adiante” (MORRISON, 1987 p. 275) para complementar: “Ela é entoada conforme marca com fogo, mais profunda e densamente, na carne daquela memória que espoca em um momento de perigo” (BHABHA, 2011).

Bhabha ainda no mesmo texto retoma a temática de *Beloved*, com o capítulo intitulado “O Entrelugar das Culturas” como se vê a seguir:

“... É difícil exprimir o ritmo e a improvisação daqueles capítulos, mas é impossível não ver neles a cura da história, uma comunidade apaziguada na afirmação de um nome”.

Quem é *Beloved*? Agora compreendemos: Ela é a filha que volta para Sethe, de forma que sua mente não será mais sem-teto.

Quem é *Beloved*? Agora podemos dizer: Ela é a irmã que volta para Denver e traz a esperança da volta de seu pai, o fugitivo que morreu na fuga.

Quem é *Beloved*? Agora sabemos: Ela é filha feita de amor mórbido, que volta para amar e odiar e se libertar. Suas palavras estão quebradas, como as pessoas linchadas de pescoços quebrados; desincorporadas, como as crianças mortas que perderam as rédeas. Mas não há nenhum engano quanto ao que as palavras vivas dizem, quando se levantam dos mortos, apesar de sua sintaxe perdida e de sua presença fragmentada. (BHABHA, 2011, p. 64-65)

Bhabha, além de suas preocupações e questões literárias na obra de Morrison, ressalva a questão do dialeto e reflexões para a questão que está inserida dentro do rígido sistema da sociedade e também da parte educacional dos Estados Unidos. As crianças negras, até então, sabemos que recebem a língua através de seu convívio em lares, com a comunidade negra e assim surge à dificuldade de inserção as essas crianças em escolas norte-americanas

devido ao uso do *Ebonics* e também o desconhecimento do inglês padrão, muitas são colocadas em classes de educação especial levando-as ao semianalfabetismo e subdesemprego. Em Bazar Global, Bhabha deixa claro suas reflexões e manifestações através de sua sugestão:

As descrições e as definições sociolinguísticas de vernaculização certamente têm importante contribuição pedagógica a dar. Quem poderá negar que um conhecimento da estrutura profunda do inglês dos negros não iria auxiliar os professores em suas tentativas de avaliar o desempenho e de extrair os melhores resultados daqueles que estão em desvantagem do ponto de vista educacional? (BHABHA, 2011, p. 64-65)

Assim, é de uma totalidade alegar que o uso da língua como forma que possa ajudar ao desempenho é importante para os estudos feitos.

## **2.1 African American Vernacular English: Uma visão histórica**

Dentro do quadro da literatura sobre a relevância do dialeto, o propósito requer-se uma volta ao contexto histórico das treze colônias inglesas situadas na América do Norte caracterizado pelo escravismo. Com um propósito diferenciado, as colônias americanas foram adequadamente recebidas por um aspecto inovador, assim os estados sulistas tinham uma dependência maior com a economia estribada na agricultura e dependiam dos escravos para a industrialização dos estados do norte e assim não precisavam tanto da mão de obra escrava.

Diversas situações agregadas aos negros após a escravidão, como a política, social, jurídica, permaneceram intactas dentro da sociedade elitizada, caracterizada por brancos nos Estados Unidos e foi apenas por volta do ano de 1950 que a forma esquematizada tinha voltado alguns benefícios para os afrodescendentes, quando o teólogo da igreja Batista, Dr. Martin Luther King Jr tomou a frente em busca de direitos civis conquistando com suas lutas o premio Nobel da Paz em 1955. Martin Luther King lutava para a inclusão de direitos aos afrodescendentes quando ainda o regime *apartheid* estava em vigor, onde os negros tinham sequelas de um tratamento que os inferiorizavam. Os negros tinham como obrigação sentar no fundo dos transportes coletivos, e acarretavam sérios problemas aos brancos que os perseguiam em restaurantes, escolas, banheiros e lugares frequentados por brancos. A forte penetração do racismo no estado de Alabama, região sul dos Estados Unidos, era devido ao

lugar onde Martin Luther King tinha se estabelecido, em Montgomery. Martin Luther King conquistou o título de mestre, em uma universidade de prestígio para negros, a Morehouse College, logo depois obteve o doutorado na Universidade de Boston, no estado de Massachussets, quando pela primeira vez teve a oportunidade de estudar com colegas brancos e sendo eleito como orador da turma.

Martin Luther King travou sua luta ao combater o racismo e levou milhares de pessoas em uma manifestação pacífica, em Washington D.C no ano de 1968, com o número de duzentos e cinquenta mil pessoas as ruas, com seu famoso discurso “*I have a Dream*”. O sul dos Estados Unidos tornou-se palco de tragédia por ter uma forma incontrolável de racismo, mesmo com a luta em combate ao preconceito racial, esse não era o apelo necessário para evitar essa temível catástrofe. Em 4 de Abril de 1968, no estado de Tennessee, aos 39 anos de idade, Martin Luther King foi assassinado com um tiro de fuzil e conseqüentemente com a sua morte, negros tiveram a chance de estudarem em escolas de brancos, onde a norma padrão era a única aceita e tampouco questionada. Recentemente comemorou-se o cinquentenário da morte de Dr. King, mas infelizmente com poucos resultados que levasse a prática da inclusão do negro, validada de uma forma merecedora. O fator do uso dialetal ainda continuou sendo uma grande barreira como exclusão social, principalmente na pré-escola, geralmente onde alunos aprendem apenas a forma padrão.

De acordo com John Russel Rickford (2000) a discussão existente é se o *Black English* é um dialeto de inglês ou uma língua separada constituindo-se assim assunto que fascina tanto o público quanto aos estudiosos. Como o dialeto tem se formado para chegar ao ponto que está é a razão de estudos para diversos pesquisadores. Alguns eruditos afirmam que o AAVE carrega em sua essência as línguas africanas faladas pelos escravos que chegaram aos Estados Unidos entre os séculos XVII a XIX. Há ainda demais pesquisadores que veem a experiência devastadora da escravidão, que assim arrasou grande parte das tradições culturais e linguísticas africanas, assim diferentes características vieram dos dialetos ingleses falados pelos trabalhadores brancos ingleses que juntamente tinham uma jornada de trabalho com contato com africanos. Estudiosos levam em consideração hipóteses que não é a forma “africanizada” do dialeto, mas a sua “creoulização”, dentro dessas perspectivas restam duas possibilidades, a primeira de o idioma inglês ser influenciado por essas variações ou apenas a diferença linguística apresentada em diferentes países de língua nativa inglesa, como Jamaica, Trinidad, Guyana e Barbados.

Novas pesquisas referem-se ao uso do *Ebonics*, questionando a eventualidade da inserção como forma de afastamento e até mesmo um desvio da norma padrão inglesa. Com essa forma de pesquisa, principais características do dialeto foram desenvolvidas no século XX, período em que os negros foram migrando para a região norte e oeste dos Estados Unidos em regime de segregação dos guetos e assim sua língua se torna cada vez mais distantes da dos brancos.

Historicamente, acredita-se que os primeiros africanos trazidos para os Estados Unidos, foram cem escravos, que faziam parte de uma colonização espanhola de seiscentas pessoas tentando estabelecer um assentamento na Virgínia no ano de 1526; portanto, o desenvolvimento que se refere ao AAVE, à colonização foi meramente superficial as tais questões explicadas a seguir. No século XVII, a fundação bem sucedida do povoado de Jamestown em 1607, contavam com vinte africanos que foram trazidos para a colônia da Virgínia para servirem como *indentured servants* (trabalhadores com contrato), e os mesmos, de cinco a dez anos, receberiam terras e poderiam trabalhar por conta própria. Os historiadores John Hope Franklin e Alfred E. Moss, em *Slavery to Freedom: A History of Negro Americans* (1988), afirmam que até 1651, período de tempo em que o contrato tinha expirado, também receberam terras como os trabalhadores brancos. Foram estabelecidas como se seguem, doze outras colônias, sendo elas as colônias da Nova Inglaterra como, New Hampshire, Massachussets, Rhode Island e Connecticut. New Jersey e New York, colônias centrais, conquistadas dos holandeses em 1664, Pensylvania e Dalaware e as colônias sulistas Maryland, North Carolina, South Carolina e Georgia. A princípio, os ingleses e irlandeses eram os empregados principais em grande parte dos estados na América do norte, os africanos não tinha uma formação tão extensa como se pensa, pois ao chegarem à América, eram destinados a outros países e regiões, tais como Barbados, Jamaica e outras colônias, durante meados dos séculos XVII e XVIII, época em que o *pidgin* e o *creole* começavam a se formar. Na Carolina do Sul, os primeiros escravos vieram do Caribe, Nova Iorque que parcialmente teve uma cota vinda do Caribe e outra da África, conseqüentemente em meados do século XVIII o número da população negra saltou para 40% em algumas plantações e no estado da Carolina do Sul chegou a ter um número igual ou maior a 69%.

No período de independência, em 1776, a quantia de negros comparados aos brancos era de 80.000 para 40.000 brancos e foi nas regiões de Sea Island na Carolina do Sul e Geórgia que o Creole desenvolveu-se. Nota-se através do crescimento acelerado da população negra, fatores que no século XVIII acabou sendo algo relevante, porém grande conseqüências

linguísticas surgiram e permaneceram. Peter Wood aponta que em *Black Majority* (1974) ao citar o estado da Carolina do Sul, os negros não aprendiam com os brancos e sim com os escravos e por isso teve um grande potencial no reforço da formação de característica do dialeto.

Aparentemente, o surgimento e a forma como se difundiu o uso do dialeto tem uma visão interessante a ser compreendida, talvez uma razão social e histórica para a permanência e propagação do mesmo.

## **2.2 Principais características do *African American Vernacular English***

Na década de 60/70, William Labov foi o primeiro pesquisador a desenvolver uma técnica de resultados provocativos e de grandes impactos na área da Sociolinguística variacionista. Labov confrontou diversos meios para seguir de uma contundente seu trabalho minucioso, pois assumiu a postura militante contra as políticas de discriminação e de exclusão social baseado nas diferenças linguísticas e em 1966 escreveu o artigo “A lógica do Inglês não padrão” com a intenção de manter protegido o inglês dos negros norte-americanos, que era uma língua com suas regras e coerentemente seguido pelos seus falantes. Após a primeira geração, contrariamente ao dogma aceito, a maioria dos novos negros aprendeu a língua local com os escravos e não com os ingleses, fato que reforçou as diferenças do dialeto (WOOD, 1974:175).

Labov tem servido de inspiração para aqueles que veem e reconhecem o uso da língua como elemento mais importante da cultura e da vida em meio social. *O African American Vernacular English* (AAVE), também reconhecido como *Black English*, *Black English Vernacular* (BEV), *Ebo*, ou *Jive* ou *Spoken Soul* é constituído através de uma variedade linguística denominada dialeto, socioleto e etnoleto da Língua Inglesa Norte-americana. Nota-se que essa variedade é falada por negros nos EUA e também por minorias étnicas afrodescendentes em várias partes do mundo. Explicitando de uma forma pequena e geral essa construção do *Black English*, apresento as construções gramaticais e de sintaxe não conhecida da variedade linguística *Ebonics*, considerada desde a década de 70, uma língua, com a finalidade de tornar um meio fácil de comunicação e identificação do dialeto.

Retiradas dos estudos de J. L. Dillard, J. A. Harrison em *Perspectives on Black English*: (1975 p.143-140) e de J.R. Rickford & R. J Rickford (2000: 109-128), apresento breves exemplos de suas características:

- Omissão da cópula *be*, em formas contraídas 's e 're: *He quick in everything. You out of game.*
- Inclusão do *be* para aspecto habitual ou tempo futuro: *they be slow all the time. The boy be here soon.*
- Repetição do pronome substantivo sempre que a referência for terceira pessoa, como duplo sujeito: *Miss, Nelle, she pointed/Shelby, he told us...*
- Aspecto inclusivo do *done*: *You done gone and bought your father a hat?*
- Múltipla negação: *There ain't nothing the matter.*
- Uso do *ain't*: como forma negativa de *is-are-am* e excluindo os auxiliares *have* e *has*: *He ain't a good man.*
- Uso do negativo de *has*: *Don't she have a house down there?*
- Forma negativa com *be*: *She don't be listening.*
- Omissão do verbo *to be*: *Paule, she in the same grade with me.*
- Marco de pluralidade associativa com *dem*: *John and dem significando John and his friends/ John e seus amigos.*
- Uso do *dem* como pronome demonstrativo: *dem books/aqueles livros.*
- Uso de *it is* ou *it's* ao invés de *there is* ou *there are*.
- Ausência da flexão terceira pessoa do singular do presente do indicativo: *It seem like, when I be driving, it seem like every corner I drive around. Ou She have a sister.*
- Ausência da flexão com *do*: *He do/ He don't – She have/ She haven't.*
- Ausência de possessivo 's: *John came over to that girl been house.*
- Ausência de *is* e *are*: *People crazy!*
- Impossibilidade de excluir infinitivo *be* após: *can, to, may, must, shall, would, will*: *You can be sitting up in class and next thing you know, you out of it.*
- Uso de *been* seguido de gerúndio: *I been playing cards since I was four.*

- Uso de BEEN - marcado : *I BEEN finished!*
- Uso do done como característica enfática como mesmo significado de: *I've already : I done had enough!*
- Done como futuro perfeito : *I'll be done bought my own CD waiting on him to buy me one.*
- Done com be como futuro: *After a few weeks the Puerto Ricans be done took [ = will have taken ] over.*
- Done como condicional: *If she [= a dog] wasn't spayed, she'd be done [would have got pregnant because she gets out].*
- Done como tempo habitual: *The children be done ate [= have usually eaten] by the time I get there.*
- Finna, fidna ou fitna – usado para futuros imediatos, é derivado de fixing: - **He is fixing to go** - evolui linguisticamente para finna: “*This thang finna get turned out, so y' all better get in yo'lit car an'...go home.*”
- Impossibilidade de exclusão de am. I am é frequentemente contraído: *I'm.*
- Modais duplos ou triplos: *He might could do the work. She may can do the work. They should oughta go. They might should aughta do it.*
- Interrogativo oposto ao inglês padrão, realizado sem inversão, apenas com aumento de intonação: *This is a microphone,too?*
- Ordem das palavras invertidas, omissão de if ou whether: *I asked him could he come [if he could come] with me.*
- Supressão da primeira sílaba não marcada: because /*Kauz/expect/spek/about/bawt/.*
- Simplificação da consoante: Na oralidade destacamos: *grand/graem/moved /muv/just/jis.*
- Simplificação de ditongos: *My/mah/time/tahm/I/ah /rice/rahce*
- Caso possessivo: formado por acréscimo de s, es ou z.*Masters gun, Missuses dress.*

Comparative duplo e superlative, usados como no inglês elizabetano são muito frequentes: de *bes's "bestest", de mos'deepist water I ever seed.*

Exemplificação de cinco tipos de tempos verbais e seu equivalente em norma padrão de língua inglesa:

1. *He runnin.* (He is running.)
2. *He be runnin.* (He is usually running, or He will/would be running.)
3. *He be steady runnin.* (He is usually running in an intensive, sustained manner, or He will/would be running in an intensive, sustained manner.)
4. *He been runnin.* (He has been running – at some earlier point but probably not now.)
5. *He been runnin.* (He has been runinng for a long time, and still is.)

Evidentemente, as sentenças citadas de forma descritivas acima, não se limitam a íntegra bibliografia do conteúdo, por isso servem como amostras de pequenas partes do *Black English* com notoriedade na percepção da linguagem oral praticada nos E.U.A pelo meio de comunicação intra-étnica, facilitando a evidente incompreensão dos brancos para esse dialeto, devido ao grande desvio da norma padrão linguística provocada pela variedade linguística.

### **3. ESTUDOS DA TRADUÇÃO: QUESTÕES TEÓRICAS E LINGUÍSTICAS**

De acordo com Lourenço (2014), afirma-se que Os Estudos da Tradução tornaram-se como disciplina efetiva acadêmica no final da década de setenta e teve o seu surgimento pela dificuldade de leitura sem o questionamento de que os fenômenos linguísticos e culturais seriam realmente traduzíveis, se realmente havia o conceito de equivalência entre eles.

A tradução é entendida pela transferência de um texto originalmente escrito em uma língua, a língua de partida (LP), para uma língua de chegada (LC), garantindo que o significado dos dois textos seja aproximadamente o mesmo e que as estruturas da LP sejam preservadas o máximo possível, mas não tanto que distorçam gravemente as estruturas da LC (BASSNETT, 2003).

Os Estudos da Tradução em franca expansão, há alguns anos ganharam *status* de disciplina compreendem uma diversidade e uma quantidade considerável de revistas científicas, congressos internacionais, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, associações de profissionais, catálogos de publicações, num testemunho da vitalidade desse campo de estudo anteriormente considerado à margem (BASSNETT, 1993).

O conceito de tradução baseado no modelo norte-americano foi aliado da inferiorização dos Estudos da Tradução em razão do embasamento calcado nos valores universais dos textos

literários, sendo que os processos de transferência de um contexto para outro não eram considerados como dignos de estudos pelos comparatistas na realidade eram vistos como uma área a ser explorada pelos linguistas. Havia também a prática editorial de relegar as traduções a uma categoria apartada, como atividade de remuneração irrelevante, considerando-se ainda a tradução como um trabalho menos crítico, que não envolvia criatividade alguma. (BASSNETT, 1993).

Susan Bassnett (1993, p. 140) afirma que continuar a acreditar que “uma tradução trai, diminui, reduz, perde parte do original, possui natureza derivativa, sendo uma reação mecânica e secundária, ou que a poeticidade se perde e que determinados autores são “intraduzíveis”, são afirmações despidas de confirmação prática”.

Os Estudos da Tradução passaram historicamente por três fases. A primeira foi a fase que se influenciou pela teoria dos polissistemas, onde envolveu uma série de desafios ao discurso inferiorizado estabelecido sobre tradução. O trabalho descontextualizado dos linguistas também era desafiado, bem como o trabalho assistemático dos Estudos Literários, o que provocou debates críticos sobre a teoria da equivalência da tradução. O problema com a teoria da equivalência é a negação da existência de relações hierárquicas entre os textos de partida e os de chegada. A teoria dos polissistemas, ao contrário, argumenta sobre o posicionamento nunca idêntico dos sistemas.

A segunda fase dos Estudos da Tradução passa por uma preocupação com o estabelecimento de atividades padrões em determinadas épocas tendo assim o marco da retirada da cena dos Polissistemas, significando rumo diretamente aos estudos tradutórios pós-estruturalistas, aos quais tradutores fazem a linguagem figurativa como vínculo principal no seu meio de tradução, geralmente evidenciada nos prefácios das obras utilizadas.

A atual fase, iniciada nos anos 80, acarreta estudos metafóricos carregando traços do polissistemas. Naquela década, operou-se uma reviravolta nos Estudos da Tradução e os trabalhos dos tradutores diversificou-se enormemente, sendo concebido como uma das variáveis nos processos de manipulação textual, em que o conceito de fidelidade é substituído pelo conceito e a “originalidade” são desafiadas por outros pressupostos mais abrangentes, de ordem cultural. Assim, o texto traduzido também é um original, em virtude de sua existência continuada em outro contexto (BASSNETT, 1993).

De acordo com Derrida (1995) a tradução não é vista como um acontecimento secundário ou simplesmente derivado em relação a uma língua ou a um texto de origem, Em cadeia de substituições, a desconstrução é uma palavra e um processo essencialmente de

substituição, que ocorre em relação ao escritor traduzido, e a construção em relação à língua do tradutor.

A teórica Tejaswini Niranjana (1992) enfatiza que a problemática tradutória em um período pós-colonial torna-se palco de discussões de representação, de poder e de historicismo, tendo como grande questão a contestação, tentando considerar a discordância das relações entre os povos, etnias e idiomas. As práticas de sujeição em oposição à subjugação, implícitas nos empreendimentos coloniais, não atuavam unicamente por intermédio de artefatos repressivos, mas principalmente por meio de discursos filosóficos, históricos, antropológicos, filológicos, linguísticos e literários.

Niranjana (1992) discorre em sua teoria que, a atividade tradutória depende das noções de realidade da filosofia ocidental, de representação e do conhecimento. Sendo a realidade colonialista vista como algo sem problemas, entretanto o conhecimento deveria envolver a representação fiel da realidade, Logo, o discurso filosófico gera a prática tradutória empregada para fins de dominação colonialista.

Argumentado ainda pela teórica a tradução no contexto colonialista produz e apoia a economia dentro do discurso da filosofia oriental, funcionando como um filosofema, que constitui a unidade básica de um conceito filosófica. A tradução, então, traz conceitos de realidade e de representação, ao formular certo tipo de assunto ou ao apresentar versões particulares dos colonizados, portanto, produz estratégias de contenção e de coerção. (NIRANJANA, 1992)

As questões da tradução se torna uma tarefa crucial no ponto de vista de Niranjana (1992), pois dentro de um contexto em que desde o Iluminismo europeu (séc. XVIII), a ação tradutória, por vezes, tem sido praticada para firmar práticas de sujeição. Para aqueles que foram colonizados, tal tarefa, faz-se urgente para a defesa de uma teoria pós-colonial que planeja entender os temas em que já estão traduzidos, buscando retomar a noção de tradução através de sua desestruturação e reeditando todo o seu potencial como uma estratégia de resistência.

### **3.1 Variantes Dialectais**

As variantes dialetais estão presentes no livro *Beloved* por serem uma forma de presença ao orgulho e a resistência afro e não por falta de domínio a norma padrão do inglês. Podemos citar o não uso da partícula *does* para a terceira pessoa do singular entre as diferenças da norma padrão, em interrogação e negação, ao invés disso usam *do*; não há o uso do verbo *to have* em

interrogativas no *present perfect continuous*: “*How you been, girl, besides barefoot?*”; a omissão do verbo *to be*, como em: “*We lucky this ghost is a baby*”, “*You looking good*”, ou em: “*Boys gone too*”; a supressão do pronome *it* em alguns casos: “*Cool out here*”; e do pronome *I*; “*Had to. Couldn’t be no waiting*” (questão de dupla negação); a eliminação do auxiliar *do*; “*You want to soak them?*”; a elipse do fonema *th*: “*Both of em walked off just before Baby Suggs died*” o uso de *y’ll*, característica comum na região dos EUA (BERNSTEIN, 2003); o uso da conjugação do verbo *to be, is*, ao invés de *are* no plural: “*my niggers is men every one of em. Bought em thatway, raised em thatway.*”; o uso de *ain’t*, que é a contração de *am not, is not, are not, has not ou have not*, como em: “*Beg to differ, Garner. Ain’t no nigger man.*”; O não uso de *any* em formas negativas; “*I wouldn’t have no nigger men round my wife.*” (MORRISON, 1987; p. 03-11)

Sabendo que a escritora afrodescendente marcava o diálogo de seus personagens com a variante *Black English*, notamos que a tradução da obra para o português (feita por Evelyn Kay Massaro, editora Best Seller) não apresenta traços dessa marca, nem mesmo uma escritura diferente para enfatizar a fala do negro, podendo ser uma das variantes que o Brasil possui. Como exemplo, extraímos algumas falas das personagens de Morrison (1987) e suas respectivas traduções (publicada pela editora *Best Seller*):

Not a house in the country ain’t packed to its rafters with some dead Negro’s grief. We lucky this ghost is a baby. (p.5)

- Não existe uma casa no país que não esteja cheia da dor de algum negro morto. Temos sorte por esse fantasma ser um bebê. (p. 14)

‘Now at Sweet Home, my niggers is men every one of em. Bought em thataway, raised em thatway. Men every one’ (p. 10)

Mas, em Sweet Home, os negros são todos homens. Comprei-os homens, criei-os como homens. (p. 20)

‘Beg to differ Garner. Ain’t no nigger men. (p. 10)

-Por favor, Garner, considere a diferença. Não existem homens negros. (MORRISON, 1987; p. 20)

Vale salientar que a ausência de um marcador muito importante na tradução, sinaliza bem a questão da posse do negro, explicitado abertamente na obra original, é o pronome possessivo *my*. No trecho “*my niggers is men every one of em.*” Situa bem a questão, sendo que na tradução essa ausência é clara: “os negros são todos homens”. Surge um questionamento através dessa ideia de que o termo diferente cabe a tradução literal ou apenas foi proposital ou então uma questão estética?

A questão é de se ponderar, porém cabe apenas a tradutora nos responder precisamente a dúvida que nos deixa enfatizar essa pergunta, pois se o intuito da obra fosse voltado intrinsecamente para transmitir um “cenário poético e crucial da condição do negro após a guerra” retratada na orelha do livro de Morrison (1987) traduzido, necessariamente teria que fazer a preservação do dialeto e também dos termos marcadores de ódio contra o negro, assinalada e possuída por parte dos afrodescendentes, criando uma linguagem diferenciada. Quando considerado novamente o mesmo trecho “cenário poético e crucial”, temos a conclusão que a poeticidade foi guardada pela tradutora, sendo que Morrison poetizou a fala do afro-americano através do uso, em trechos, da variante dialetal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem feita nessa monografia apresenta um estudo feito através da análise tradutória da obra *Amada*, originalmente intitulada como *Beloved* da escritora Toni Morrison, ao qual rendeu grande notoriedade no cenário social e literário dos tempos em que a literatura foi meio para uma transmissão primordial a diversidade linguística.

Num primeiro momento de explicitar o estudo, procuramos esclarecer os estudos culturais como meio de abranger todo o englobamento em que a obra se enquadra diante dos aspectos dessa matéria que faz jus a cultura presente em diversos meios, sendo estes no dialeto e na língua negra, pois, por meio de diferentes linguajares a atribuição de um conjunto dialetal, temos como uma grande história de arte e predominância.

Percebe-se que no trabalho do tradutor, muito dessas nuances se perdem, seja por não existir dialetos correspondentes no idioma traduzido ou um desconhecimento de dialetos existentes dentro desse idioma, o que só revalida a crítica presente no romance, pois mostra como certas identidades culturais são apagadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH. **Dialeto**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/African\\_American\\_Vernacular\\_English](http://en.wikipedia.org/wiki/African_American_Vernacular_English)>. Acesso em: 30 ago. 2015.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BASSNETT, Susan. **Comparative literature: A critical introduction**. Oxford: BlackWell, 1993.
- BELLOC, Hilaire. **On translation**. Oxford: Clarendon Press, 1931.
- BASSNET, Susan. **Estudos da Tradução**. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BONICCI, Thomas. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. 21. ed. Maringá: Eduem, 2009. 491 p.
- BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- CHEN, Kuan-Hsing. (Orgs.). Stuart Hall – **critical dialogues in cultural studies**. London: Routledge, 1996. p. 262-275.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- DORIAN, Nancy C. **Varieties of variation in a very small place: Social homogeneity, prestige norms, and linguistic variation**. *Language – Journal of the Linguistic Society of America*, Baltimore, v. 70, n. 4, p. 631-696, 1994.
- DILLARD, Jerry. **Perspective on Black English**. Netherlands: Mountain & CO, The Hague, 1975.
- GONÇALVES, Julio. **Estudos dos Aspectos Culturais e Tradutórios nas Obras: Beloved (Amada) e The Color Purple (A Cor púrpura)**. Monografia de Conclusão de curso UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados – MS, 2011.
- LABOV, William. **Language in Inner City: Studies in the black english vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1984.
- LOURENÇO, Lucília Teodora Villela de Leitgeb. 2007. **Traduções e Estudos Culturais: estudo da tradução brasileira de The Bluest Eye, de Toni Morrison**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 131 p.
- LOURENÇO, Lucilia T. V. L. **Traduzindo o Intraduzível: Estudo de duas traduções em Língua Portuguesa de Beloved, de Toni Morrison**. 108 p. (Doutorado em Letras) UFRGS, 2014.
- MORRISON, Toni. **Citações**. Disponível em: <[http://en.thinkexist.com/quotes/toni\\_morrison/](http://en.thinkexist.com/quotes/toni_morrison/)>. Acesso em: 30 ago. 2015.

MORRISON, Toni. **Amada**; Tradução Joé Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIRANJANA, Tejaswini. **History, post structuralism and the colonial content**. Berkeley, Los Angeles (California): University of California Press, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and society 1780-1950**. London: Columbia University, 1983.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). **The long revolution**. New York: Columbia University Press, 1967.